

COMUNICAÇÕES

NOTÍCIA SOBRE UM SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO EM MIRACATU, LITORAL SUL PAULISTA

Em julho de 1965, enquanto estávamos fazendo, com os alunos da Universidade Católica de Campinas, a escavação de um sambaqui em Jaraçatiá, sob a orientação do então diretor do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, Dr. Paulo Duarte, autoridades de Miracatu, a vila vizinha, avisaram que tratores executando uma terraplanagem perto da estrada BR-2 haviam desenterrado ossos, caramujos e implementos de pedra que pareciam ser os restos de uma aldeia pré-histórica. Uma visita ao sítio revelou que exatamente em frente da entrada para Miracatu, do lado esquerdo da estrada BR-2 (vindo de São Paulo), a uns 500 metros desta, os tratores haviam cortado uma camada de 60 a 80 cm de terra do topo de um morro para preparar o lugar para construções. A camada húmica fora quase totalmente removida e empurrada para o lado norte e leste. Tanto no lugar aplainado como nos montes de terra removida pelo trator apareceram ossos, cascas de moluscos terrestres (caramujos grandes) e implementos de pedra.

O sítio foi visitado repetidas vezes (em 16, 19 e 20 de julho de 1965 e em 18 de maio de 1968), tendo sido recolhidos vários objetos de interesse, cuja descrição segue abaixo.

Implementos e fragmentos de pedra.

a) Machados (ou martelos) de mão, muito toscos, sem sinais de terem sido formados pelo homem, sendo o desgaste visível nas duas pontas a única indicação de uso, um ou outro assim mesmo duvidoso. Pertencem a esta categoria as figuras *a*, *b* e *h* do quadro.

b) Machados de mão parcialmente polidos, pelo menos nas pontas. Pertencem a este grupo as figuras *f* (que, pelo desgaste dos cantos da fratura, deve ter sido ainda usado depois de fraturado), *i*, *c* e *e*. A peça reproduzida na figura *j*, fragmentada que está, é um artefato especialmente interessante porque, além de gumes formados por polimento em dois lados opostos, apresenta, no terceiro lado, um corte aparentemente formado por lascamento grosseiro. Falta, infelizmente, o quarto lado. Forma especial tem a peça *k*, semelhante a um rim, que, além de ter um gume formado por polimento e mostrar, na ponta oposta, sinais de uso como martelo, num dos lados longos aparenta formação artificial por golpes.

c) A pedra *m*, de forma elipsoidal, aparenta um lado polido numa superfície plana, sendo esta área desgastada de cor vermelho-escura, bem diferente do resto da superfície da pedra. O objeto sugere a idéia de tratar-se de uma pedra para moer terra vermelha (para fins ornamentais?).

d) O artefato *g* parece ser a peça inferior de um moinho a mão. Em moinhos a mão, como em todos os casos de desgaste devido a movimentos retilíneos entre dois objetos duros, a peça inferior, apoiada, sofre um desgaste côncavo, a peça superior um desgaste convexo. A pedra em questão tem *duas* faces desgastadas dos dois lados largos, as duas côncavas, uma mostrando linhas aproximadamente paralelas de desgaste. Parece óbvio que a pedra foi usada primeiro de um lado e depois do outro, tornando-se assim similar a uma lente bicôncava.

e) A peça *o*, de quartzo semitransparente, parece ser, à primeira vista, uma ponta de projétil quebrada durante a fabricação. Um exame mais metuculoso, porém, faz crer que esta semelhança é, provavelmente, apenas superficial. A ponta é muito fina e larga, a espessura da peça muito desigual, sendo fina de um lado e grossa do outro, e o talo (espigão) parece ser muito largo para fins práticos.

f) Foram recolhidos pequenos fragmentos de pedra, entre outros de quartzo, quartzito micáceo e sílex (pedra de fogo, pederneira, da variedade escura), que tanto podem ser de procedência natural como objetos formados pelo homem. É de especial interesse o jaspe (pedra marrom-vermelha, similar ao sílex, mas um pouco menos dura) que achamos em vários exemplares, obtidos, ao que parece, por lascamento por percussão.

Todos os artefatos de pedra foram examinados pelos geólogos Igor Bittencourt e Adilson Carvalho do Instituto Agrônomo de Campinas, e seu material identificado. Agradecemos o seu valioso trabalho, que forneceu os seguintes resultados:

- Peça *a* : granito com textura porfirítica, milimétrica com pórfiros centimétricos
- Peça *b* : diabásio, parcialmente alterado
- Peça *c* : diabásio, textura submilimétrica
- Peça *d* : gnaisse
- Peça *e* : diabásio (?), alterado
- Peça *f* : diorito, textura milimétrica fina
- Peça *g* : granito com textura milimétrica fina equigranular
- Peça *h* : diabásio
- Peça *i* : diabásio (?) alterado
- Peça *j* : diabásio, textura milimétrica fina
- Peça *k* : diabásio, parcialmente alterado
- Peça *l* : monozito (?), textura milimétrica fina
- Peça *m* : diabásio, parcialmente alterado
- Peça *o* : quartzo

Na coleta de superfície foram também bastante numerosos os achados de fragmentos de ossos e moluscos. O Dr. José Luiz Moreira Leme, biólogo da Seção de Moluscos do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, realizou a identificação do material de sua especialidade, sendo os seguintes os resultados:

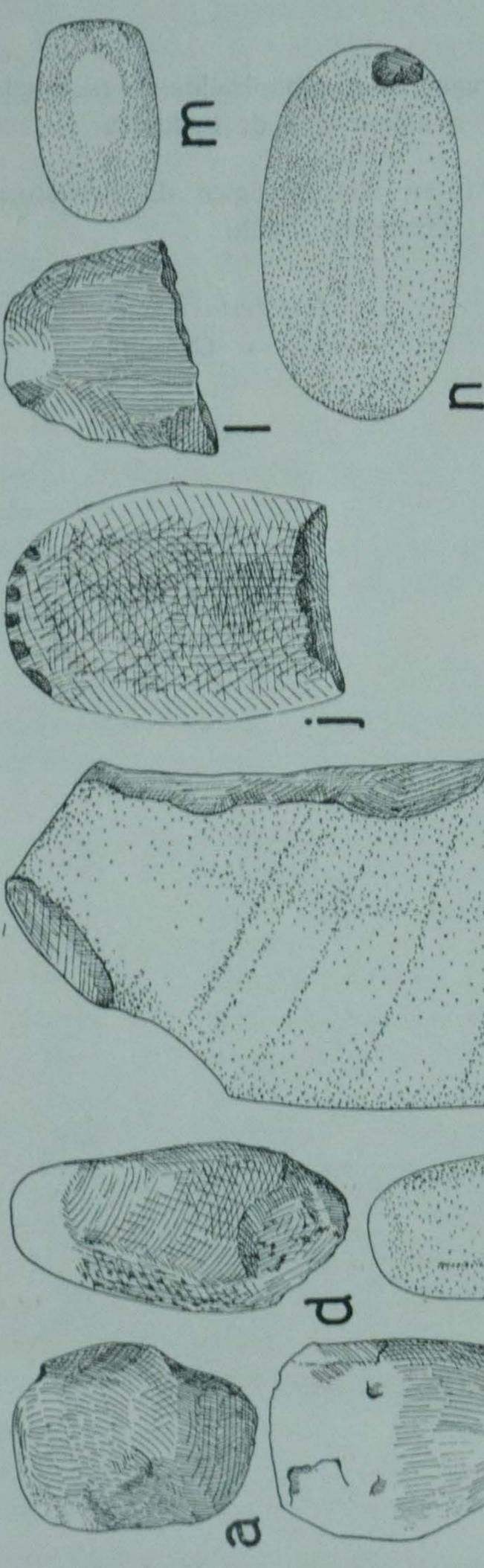
- 17 exemplares de *Strophocheilus yporanganus torii* (Lange de Morretes, 1937)
- 1 exemplar de *Strophocheilus bronni fragilior* (Ihering 1901)

- 1 exemplar de *Strophocheilus granulatus* (Rang 1831)
- 2 exemplares de *Strophocheilus oblongus* (Müller 1774)
- 4 fragmentos de valvas de *Diplodon* sp.

Vários lugares escuros continham cinzas e fragmentos carbonizados de osso que foram recolhidos. É significativa a falta total de qualquer tipo de cerâmica.

Os objetos descritos estão na coleção do Museu Antropológico da Prefeitura Municipal de Campinas, Bosque dos Jequitibás, Estado de São Paulo.

Desidério Aytai
PUC — Campinas



Escala: Figuras a - n:

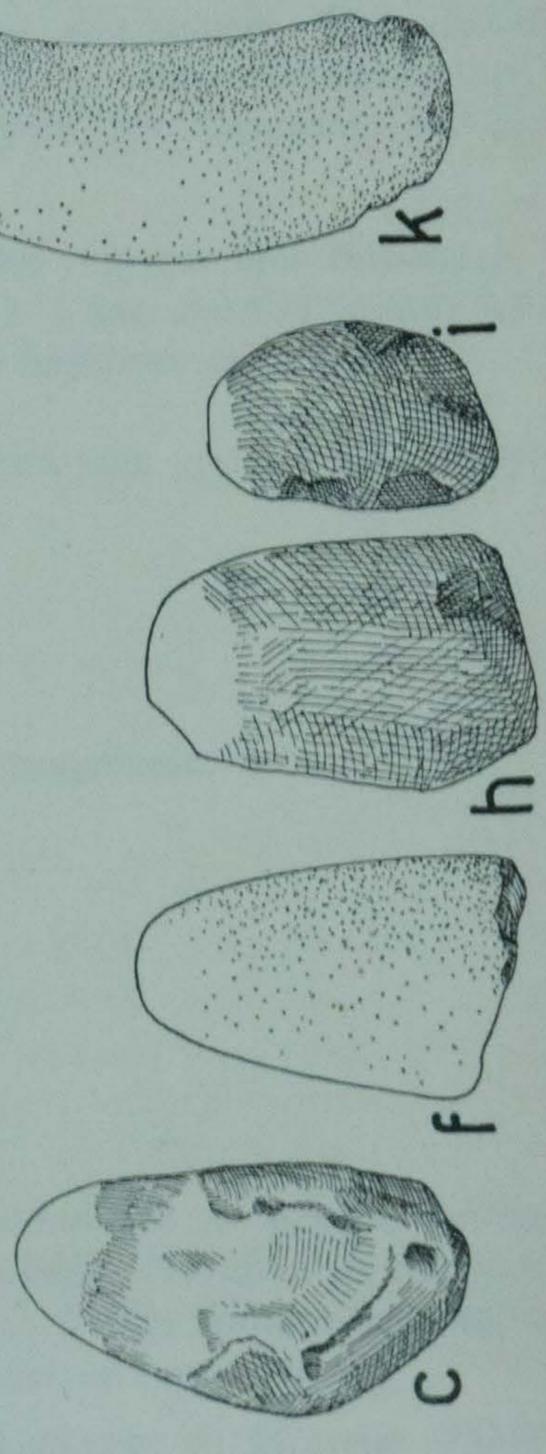
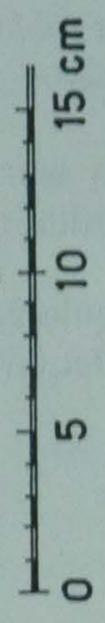
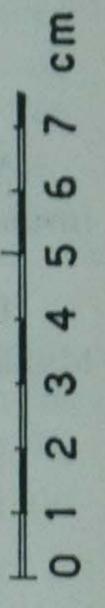


Figura 0:



ESTUDO DESCRITIVO DOS ARTEFATOS LÍTICOS DE MIRACATU (SP)

Em 1965 o Prof. Desidério Aytai da Universidade Católica de Campinas coletou 130 objetos de um sítio arqueológico na localidade de Miracatu, junto à BR 116, perto de Registro, no Estado de São Paulo. A partir de 1976 iniciamos o estudo deste material. A presente comunicação é o resultado da etapa descritiva deste estudo.

Agradecemos ao Prof. Desidério Aytai e à senhora Raquel Salles do Museu Histórico Municipal de Campinas por nos terem facilitado o acesso à Coleção Miracatu.

Utilizamos o "Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul" de Annette Laming Emperaire como base de estudo para a descrição das peças e para o uso de termos sobre tipologia lítica. Para os estudos sobre a reutilização dos artefatos e sobre núcleos utilizamos, respectivamente, "Abordagem Analítica de uma Coleção Arqueológica — um Método Interpretativo" de Teófilo O. V. Torronteguy e "Material Lítico: Metodología de Clasificación" de Luís F. Bate.

Agrupamos os objetos de acordo com as várias possíveis maneiras como foram utilizados.

O número apresentado entre parênteses é o número da peça que se descreve.

23 PERCUTORES. São pedras ou seixos que servem para esmagar, lascas ou afundar. Sua parte ativa pode ser uma superfície ou uma aresta, que, por batidas, entra em contacto com outra superfície. Um destes percutores (nº 40) apresenta preparo para ençabamento. Um outro (nº 10) mostra marcas de desgaste em sua superfície; foi possivelmente reutilizado como polidor.

1 CHOPPER. Este artefato é um seixo com lascamentos em um dos lados.

18 LÂMINAS DE MACHADO DE PEDRA. São lâminas preparada por lascamentos ou polimentos que apresentam um gume paralelo ao cabo e perpendicular ao eixo (gume-talão). Com exceção de uma lâmina (nº 21), que está fragmentada, todas as outras apresentam preparação para ençabamento por intermédio de sulcos e lascamentos preparatórios. Destas, três apresentam possíveis marcas de reutilização, sendo que uma (nº 61) apresenta parte de uma superfície desgastada pela possível reutilização como polidor, enquanto as duas outras (nº 62 e nº 63) mostram lascamentos e desgaste no talão e bordos. Estas últimas teriam sido, possivelmente, reutilizadas como percutores.

1 PONTA DE PROJÉTIL (Bifacial). É uma lasca com dois lados distintos que se encontram em dois gumes laterais convergentes numa ponta.

5 RASPADORES LATERAIS. São lascas cujas partes ativas se situam no encontro de duas faces. Suas partes ativas apresentam pequenos lascamentos como marcas da função de raspar.

2 FACAS. São lascas com gume lateral cujas extremidades geralmente apresentam uma ponta. Possuem marcas de pequenas incisões que acompanham seus gumes ou lascamentos contínuos nos gumes.

34 LASCAS UTILIZADAS. São lascas que apresentam intenso uso no encontro de seus dois lados, deixando margem a dúvidas a respeito de sua classificação como facas ou raspadores laterais.

2 SEIXOS UTILIZADOS POR PRESSÃO. Estes objetos não foram preparados para o uso; apresentam um ou dois lados polidos pela utilização como objetos para moer, polir ou esfregar. Um destes (nº 77) foi possivelmente reutilizado como percutor devido a lascamentos em região que não é comumente ativada nas peças deste tipo.

1 MÃO-DE-MÓ. Este artefato se diferencia dos seixos utilizados por pressão por ser picoteado e polido para o uso; tem secção circular e sua forma é arredondada. Este artefato constitui uma parte da mó. Neste exemplar encontram-se lascamentos com possibilidade de ter sido reutilizado como percutor.

1 FURADOR. É uma lasca com uma ponta bem delimitada. Esta ponta é a sua parte ativa, pois serve para furar objetos. Possivelmente este artefato tenha sido reutilizado como faca por apresentar marcas de desgaste num bordo.

2 AGUÇADORES. São seixos ou blocos utilizados, por serem abrasivos, para esfregar em pontas ou gumes. Estes objetos apresentam pequenas faces planas. Um deste (nº 33) apresenta lascamentos contínuos numa face com possibilidade de ter sido reutilizado como percutor.

5 POLIDORES. São seixos ou blocos utilizados, por serem abrasivos, para polir superfícies de outros objetos. As partes gastas dos polidores vão afundando, deixando marcas da superfícies dos objetos ali trabalhados. Dois destes (n.º 35 e n.º 43) apresentam desgaste e lascamentos numa extremidade. Possivelmente foram reutilizados como percutores.

2 BIGORNAS. São pedras utilizadas para apoiar materiais a serem trabalhados. A parte mais plana das bigornas é escolhida para entrar em contato com estes materiais. Um destes objetos, além de mostrar lascamentos aos quais está sujeito pelo uso, mostra, também, desgaste que deixou impressa a superfície do objeto ali trabalhado. Esta bigorna (nº 69) foi, possivelmente, reutilizada como polidor.

5 NÚCLEOS. Constituem blocos de matéria prima que são preparados para sofrer retiradas de lascas. Dois destes objetos apresentam vestígios de possíveis reutilizações. Um destes núcleos (nº 30) mostra pequenos lascamentos em regiões propícias para percussão com possibilidade de ter sido reutilizado como percutor. O outro núcleo (nº 80) apresenta um bordo com intensas marcas que demonstram ter sido um

bordo ativo reutilizado como faca. Este núcleo, pelas suas dimensões, parece ter sido esgotado. No entanto, dois lascamentos que incidiram na formação do bordo ativo fazem pensar que ele tenha sido preparado para a nova utilização.

3 fragmentos de **MATÉRIA CORANTE**. Estes fragmentos constituem matéria prima para corante. Provavelmente serviram para colorir objetos.

Somam-se aos artefatos acima 25 objetos cujas funções não podemos determinar com segurança.

Os dados que dizem respeito a esta coleção deverão ser completados por outros, resultantes do estudo de artefatos provenientes de escavação sistemática. Desta maneira, será possível determinar características que definirão subtipos específicos. Estes poderão caracterizar uma indústria lítica.

APÊNDICE

As peças da Coleção Miracatu já estavam numeradas; no entanto, para facilitar seu estudo, nós as numeramos novamente de 1 até 130.

Apresentamos a seguir os tipos e os números das peças correspondentes;

— **PERCUTORES**

Números 4, 6, 10, 11, 18, 19, 20, 23, 25, 26, 28, 29, 31, 36, 39, 40, 44, 45, 46, 49, 50, 58 e 66.

— **CHOPPER**

Número 56.

— **LÂMINAS DE MACHADO DE PEDRA**

Números 5, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 37, 52, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67 e 68.

— **PONTA DE PROJÉTIL (Bifacial)**

Número 130.

— **RASPADORES LATERAIS**

Números 2, 3, 24, 54 e 55.

— **FACAS**

Números 8 e 32.

— **LASCAS UTILIZADAS**

Números 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111 e 112.

— **SEIXOS UTILIZADOS POR PRESSÃO**

Números 22 e 77.

- MÃO-DE-MÓ
Número 47.
- FURADOR
Número 101.
- AGUÇADORES
Números 33 e 34.
- POLIDORES
Números 7, 35, 42, 43 e 57.
- BIGORNAS
Números 69 e 70.
- NÚCLEOS
Números 30, 53, 80, 85 e 86.
- MATÉRIA CORANTE, fragmentos
Números 96, 97 e 98.
- OBJETOS DE FUNÇÃO INCERTA
Números 1, 17, 27, 38, 41, 48, 51, 59, 113, 114, 115, 116, 117, 118,
119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128 e 129.

BIBLIOGRAFIA

BATE, Luís F.

Material Lítico: Metodología de Clasificación. "Noticiario Mensual", XVI. Santiago-Chile, Museo Nacional de Historia Natural, 1971.

EMPERAIRE, Annette L.

Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul. Manuais de Arqueologia nº 2. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. UFP. Curitiba, 1967.

TORRONTÉGUY, Teófilo O. V.

Abordagem Analítica de uma Coleção Arqueológica — Um Método Interpretativo. Dissertação de Mestrado, mimeografada, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, USP, 1975.

Teófilo Otoni Vasconcelos Torronteguy
Pós-graduando — U.S.P.

TUPÃ MBIGUA

Em setembro de 1969 alguns professores e estudantes do setor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo visitaram um pequeno grupo de índios Guarani no litoral paulista, mais precisamente em Ribeirão do Silveira, município de São Sebastião.

Entre as informações recolhidas na ocasião encontra-se a gravação de alguns cantos apresentados pelo chefe do grupo, "capitão" Gumercindo, e sua esposa, uma índia que se dizia "Aimoré". Reproduz-se aqui a transcrição musical de um desses cantos.

Tupã Mbiguá é interessante mistura de música indígena e ocidental, digna da atenção de um estudioso de fenômenos aculturativos. A melodia é obviamente européia — ou inspirada em modelo europeu, notadamente gregoriano — o que, na perspectiva histórica desses índios, doutrinados em especial pelos jesuítas, é natural. O uso dos dois instrumentos não melódicos, do chocalho e do bastão de ritmo, tipicamente indígenas, para acompanhar uma melodia européia, dá um sabor exótico a esta música.

A determinação da tonalidade, difícil problema na análise da música indígena, é aqui relativamente fácil, sendo Fá o primeiro e último som, e o som final de maiores trechos /compassos 8, 18, 23 e 28/, e ainda o som de maior ocorrência /em 72 sons Fá ocorre 28 vezes o que corresponde a 38,9%/. Partindo de Fá como tônica, a escala será:

Fá - Sol - Lá - Si bemol - Dó - Ré.

Esta escala é intermediária entre a diatônica — porque é suficiente adicionar o Mi no fim da sequência acima para transformá-la em diatônica — e a pentatônica anhemitônica /an-hemi-tônica, sem semi-tons/ porque é suficiente subtrair o Lá para transformar a sequência naquele tipo de escala pentatônica anhemitônica, que é mais usada na música da Ásia central, na China e entre os povos emigrados da Ásia, como os húngaros:

2 semi-tons — 3 semi-tons — 2 semi-tons — 2 semi-tons — 3 semi-tons.

No que diz respeito à escala, portanto, a peça parece ser um compromisso entre a escala de origem européia e uma das escalas comuns na música indígena.

No começo da peça, nos compassos 1 a 8, a linha melódica é do tipo "arco parabólico", no resto do tipo "ondulado". Esta mudança do tipo da melodia no compasso 8 parece estar sublinhada pelo chocalho, que nos primeiros 8 compassos é de vibrações permanentes, ininterruptas, enquanto no resto é mais rítmico.

A estrutura da peça é expressa pela fórmula: ABCBBCB na qual

A : compassos 1- 8

B : " 9-13

C : " 14-18

Este tipo de estrutura é chamada progressiva-reiterativa.

A falta da repetição do mesmo som várias vezes também é característica europeia. O ritmo é simples, de 4/4, interrompido duas vezes por compassos de 6/4. Na dança provavelmente correspondem 2 passos a cada compasso de 4/4, e, conseqüentemente 3 passos a cada compasso de 6/4. A mudança do compasso 4/4 para 6/4 perturbaria o ritmo da dança, mas estes últimos sempre ocorrem em pares na peça, automaticamente corrigindo a mudança dos pés dos dançarinos:

| | | | |
|------------|----------------|-----------|----------------|
| Compassos: | 4/4 | 4/4 | 6/4 |
| Pés: | Dir. Esq. | Dir. Esq. | Dir. Esq. Dir. |
| Compassos: | 6/4 | 4/4 | etc. |
| Pés: | Esq. Dir. Esq. | Dir. Esq. | |

A mudança do ritmo é característica comum da música indígena, e é relativamente rara na música de estilo europeu.

Não foram sentidas as dificuldades tão comuns na transcrição de música não-ocidental: a diferença entre sons da música nossa e a dos índios. O processo aculturativo entre estes índios parece ter atingido, nesta esfera, seu ponto final.

NOTA

A gravação foi recolhida pelos professores Dr. Erasmo d'Almeida Magalhães e Dra. Thekla Hartmann, a transcrição foi realizada por D. Elizabeth Aytai e análise musicológica pelo Dr. Desidério Aytai, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Estado de São Paulo.

TUPÁ MBIGUÁ

V : Voz humana, nos compassos 1 - 4 só masculina, no resto masc. e fem.

I : Instrumentos, ○ chocalho, / bastão de ritmo

Allegro 138. Rubato

First system of music. Vocal line (V) starts with a piano (*p*) dynamic, followed by a crescendo to *mf* and then *f*. The instrumental line (I) features a wavy line representing the chocalho and rhythmic strokes representing the bastão de ritmo.

Second system of music. Marked "Allegro essai 144". The vocal line (V) begins with a forte (*f*) dynamic, followed by a decrescendo to *mf*. The instrumental line (I) continues with rhythmic patterns.

Third system of music. The vocal line (V) starts with a forte (*f*) dynamic, followed by a decrescendo to *mf*. The instrumental line (I) consists of rhythmic patterns.

Fourth system of music. The vocal line (V) begins with a forte (*f*) dynamic. The instrumental line (I) continues with rhythmic patterns.

Fifth system of music. The vocal line (V) starts with a piano (*p*) dynamic, followed by a crescendo to *mf*. The instrumental line (I) consists of rhythmic patterns.

Sixth system of music. The vocal line (V) concludes with a decrescendo. The instrumental line (I) continues with rhythmic patterns. The section ends with the word "ESCALA" and a scale diagram.

ASSUNTOS BRASILEIROS EM UNIVERSIDADES AMERICANAS

Os títulos abaixo arrolados referem-se a teses defendidas em universidades americanas e que apresentam interesse para o antropólogo brasileiro, embora nem sempre classificadas como trabalhos de antropologia. O levantamento dessas teses, que abrangem aproximadamente o período de 1955 a 1970, foi realizado nas seguintes fontes: Dockstader, Frederick J. e Alice W. — *The American Indian in graduate studies: a bibliography of theses and dissertations* (New York, Museum of the American Indian, 1974); *Assuntos brasileiros em teses de doutorado nos EUA* (Mensário do Arquivo Nacional, ano V, nº 7, Rio de Janeiro, 1974); Ramos, Dulce Helena Álvares Pessoa, *Levantamento das pesquisas sobre assuntos brasileiros feitas em universidades americanas 1960-1970* (Revista de História, nº 99, São Paulo, 1974). Algumas teses mais recentes de que tivemos notícia também foram incluídas. Indicamos autor, título do trabalho, universidade e ano em que foi defendido, além de número de páginas, sempre que possível. Entre parênteses encontram-se, às vezes, algumas informações complementares.

- Alden, Dauril — *The Marquis of Lavradio, Viceroy of Brazil (1769-1779), and the climax of Luso-Spanish Platine rivalry*. California, 1959. (Tem secções sobre as relações entre jesuítas e índios).
- Appleby, David Percy — *A study of selected compositions by contemporary Brazilian composers*. Indiana, 1956. 244 págs. (Influências indígenas, negras e portuguesas na música folclórica).
- Appleby, David Percy — *A study of selected compositions by contemporary Brazilian composers*. Indiana, 1956. 244 págs. (Influências indígenas, negras e portuguesas na música folclórica).
- Aspelin, Paul Leslie — *External articulation and domestic production: the artifact trade of the Mamaindê of northwestern Mato Grosso, Brazil*. Cornell, 1975. (Publicado em Latin American Studies Program. Dissertation Series, nº 58, Cornell University, 1975).
- Baxter, David Norman Price — *Brazilian feather headdresses: a type variety classification of specimens from central and northeastern Brazil*. Calgary, 1968.
- Becker, Ellen R. — *Xingu society*. Chicago, 1969. 360 págs.
- Beierle, John Melvin — *The influence of the horse on Plains Indians and Chaco societies*. Syracuse, 1956. 70 págs.
- Benchimol, Saul — *Family organisation in the Amazon Valley*. New Mexico, 1959. 82 págs. (Apresenta um capítulo sobre as tribos indígenas do Amazonas).

- Berlinck, Manoel Tosta — The structure of the Brazilian family in the city of São Paulo. Cornell, 1969.
- Black, William Harold — The relationship between Tupi-Guarani shamans and chiefs. California, 1945, 81 págs.
- Bond, James T. — A history of socio-cultural adaptation and population in the Sertão de São Francisco, Pernambuco, Brazil. North Carolina, 1969. 102 págs. (Informações sobre os Dzubukua-Kariri e outras tribos da área).
- Breyman, Walter Norman — The opening of the Amazon, 1540-1640. Illinois, 1950. (Refere-se também aos contatos mantidos entre índios e missionários).
- Bridgeman, Loraine Irene — Oral paragraphs in Kaiwá (Guaraní). Indiana, 1966. 161 págs.
- Canales, José Carlos — Rio Grande do Sul in Luso-Spanish Platine rivalry, 1626-1737. California, 1959. (Traz informações sobre as missões jesuíticas e o conflito entre colonizadores e índios das missões).
- Carneiro, Robert Leonard — Subsistence and social structure: an ecological study of the Kuikuru Indians. Michigan, 1957. 349 págs.
- Carter, Edd McLendon — The Chaco war. Texas-El Paso, 1961. (Referências aos Inca, Quechua, Aymara e Guaraní).
- Chagnon, Napoleon Alphonse — Yanomamö warfare, social organization and marriage alliances. Michigan, 1966. 233 págs.
- Chandler, Billy Jaynes — The Inhamuns: a community in the sertão of northeast Brazil, 1707-1930. Florida, 1967.
- Crocker, John Christopher — The social organization of the Bororo Indians, Mato Grosso, Brazil. Harvard, 1967. 388 págs.
- Crocker, William Henry — A method of deriving themes as applied to Canela Indian festival materials. Wisconsin, 1962. 311 págs.
- Cromack, Gail Westoby — Cashinawa "spirit" narratives and their cultural context. Hartford, 1967.
- Cromack, Robert Earl — Language systems and discourse structure in Cashinawa. Hartford, 1968. 399 págs.
- Curry, Daonal Edward — Lusiada: an anthropological study of the growth of Protestantism in Brazil. Columbia, 1968.
- Davidson, David Michael — Rivers and empire: the Madeira route and the incorporation of the Brazilian Far West, 1737-1808. Yale, 1970.
- Della Cava, Ralph — Miracle at Joazeiro: a political and economic history of a popular religious movement in Brazil, 1889-1934. Columbia, 1968.
- Eveleth, Phyllis Ann Bennett — Climatic effects on the physical growth of children with special reference to American children residing in Rio de Janeiro, Brazil. Columbia, 1962.
- Evans, Clifford — The archeology of the territory of Amapá, Brazil (Brazilian Guiana). Columbia, 1950.

- Forman, Shepard Lewis — Jangadeiros, the raft fishermen of northeast Brazil. Columbia, 1966. 297 págs.
- Fortune, David Lee — Karajá grammar; a preliminary transformational-generative study of a Brazilian language. Indiana, 1970. 80 págs.
- Gegen, Mary Loretta — Education's impact on the culture of specific localities in Amazonia. St. Louis, 1961. 377 págs. (Publicado sob o título Amazonia: a study of people and progress in the Amazonian jungle. Pageant Press, 1963).
- Gregor, Thomas Arthur — Social relationships in a small society: a study of the Mehinacu Indians of central Brazil. Columbia, 1969. 241 págs. (Baseado talvez na tese, a University of Chicago Press publicou em 1977 Mehinacu: the drama of daily life in a Brazilian Indian village).
- Gross, Daniel Russel — Sisal and social structure in northeastern Brazil. Columbia, 1970.
- Gross, Sue Ellen Anderson — The economic life of the Estado do Maranhão e Grão-Pará, 1686-1751. Tulane, 1969.
- Hansen, David Oliver — The relationship between land tenure and status in the rural colônia region of southern Brazil. Wisconsin, 1972.
- Harris, Marvin — Minas Velhas: a study of urbanism in the mountains of eastern Brazil. Columbia, 1953.
- Harrison, William Frederic — A struggle for land in Colonial Brazil: the private captaincy of Paraíba do Sul, 1533-1753. New Mexico, 1970. 301 págs. (Referências aos Goitaká).
- Hutchinson, Harry William — Vila Recôncavo: a Brazilian sugar-cane plantation community. Columbia, 1954.
- Johnson, Allen Willard — Economics and dependence on a plantation in Ceará, Brazil. Stanford, 1968.
- Kensinger, Kenneth Merle — Matrilocality in Cashinahua society. Pennsylvania, 1964. 30 págs.
- Knowlton, Clark S. — Spatial and social mobility of the Syrians and Lebanese in the city of São Paulo, Brazil. Vanderbilt, 1955.
- Kietzman, Dale Walter — Indian survival in Brazil. Southern California, 1972.
- Kottak, Conrad Phillip — The structure of equality in a Brazilian fishing community. Columbia, 1966.
- Krieger, Henrique — Inbreeding effects in northeastern Brazil. Hawaii, 1966.
- Lapointe, Jean — Residence patterns and Wayana social organization. Columbia, 1970.
- Lave, Jean Elizabeth Carter — Social taxonomy among the Krikati (Ge) of Central Brazil. Harvard, 1967. 395 págs.
- Leeds, Anthony — Economic cycles in Brazil: the persistence of a total culture-pattern; cacao and other cases. Columbia, 1957.
- Levak, Zarko — Kinship system and social structure of the Bororo of Pobojarí. Yale, 1971.

- Litto, Inez Maria Fonseca — A comparison of crania from the shell heaps of Brazil with those of the Archaic of Eastern United States. Indiana, 1964.
- Lobb, Charles Gary — The historical geography of the cattle region along Brazil's southern frontier. California, 1970. 244 págs. (Referências aos Guaraní).
- Loch, Oswald Benno — Culture change in the Amazon Basin with emphasis on economic change. Catholic, 1964. 126 págs.
- Loftin, Marion T. — The Japanese in Brazil: a study in immigration and acculturation. Vanderbilt, 1952.
- Margolis, Maxine Luanna — Ouro Verde: a frontier community in Northern Paraná, Brazil. Columbia, 1970.
- Mayer, John — The Brazilian household: size and composition. Florida, 1970.
- Meggers, Betty Jane — The archeological sequence on Marajó Island, Brazil, with special reference to the Marajoara culture. Columbia, 1952.
- Melvin, Harold Wesley Jr. — Religion in Brazil: a sociological approach to religion and its integrative function in rural-urban migrant adjustment. Boston University School of Theology, 1970.
- Meskill, Jane M. — Some Brazilian plants in the early Colonial period. Columbia, 1966. 147 págs. (Aborda as plantas alimentícias nativas e indica seu preparo e uso por parte de índios).
- Minnich, Reynolds Herbert Jr. — A sociological study of the Mennonite immigrant communities in Parana, Brazil. Florida, 1966.
- Murphy, Yolanda — The Mundurucu women of the village of Cabruá. Columbia, 1972. (Resultados desse trabalho encontram-se na publicação de Yolanda e Robert F. Murphy, Women of the forest. New York and London, Columbia University Press, 1974).
- Newton, Dolores — Social and historical dimensions of Timbira material culture. Harvard, 1971. 342 págs.
- Nissly, Charles Martin — Acre: an Amazonian frontier of Brazil. Florida, 1966. 346 págs.
- O'Reilly, Donald Francis — Rondon: biography of a Brazilian Republican army commander. New York, 1969. 426 págs.
- Pinto, João Bosco Guedes — Social factors associated with adjustment of rural migrants in central Brazil. Wisconsin, 1967.
- Pressel, Esther Joan — Umbanda in São Paulo: religious innovation in a developing society. Ohio, 1971.
- Price, P. David — Nambicuara society. Chicago, 1972.
- Price, Paul Hurvey — The Polish immigrant in Brazil: a study of immigration, assimilation, and acculturation. Wisconsin, 1967.
- Rabassa, Gregory — The Negro in Brazilian fiction since 1888. Columbia, 1954.
- Ramos, Alcida Rita — The social system of the Sanuma of northern Brazil. Wisconsin, 1972.

- Renshaw, J. Parke — A sociological analysis of spiritism in Brazil. Florida, 1969.
- Rothwell, Stuart Clark — The old Italian colonial zone of Rio Grande do Sul, Brazil: a geographic interpretation. Syracuse, 1956.
- Salmen, Lawrence Fulton — The casas de cômodos of Rio de Janeiro: a study of the occupants and accommodations of inner-city slums and a comparison of their characteristics with the favelas. Wisconsin, 1971.
- Seeger, Anthony — Nature and culture and their transformations in the cosmology and social organization of the Suyá, a Gê-speaking tribe of Central Brazil. Chicago, 1974.
- Shapiro, Judith Rae — Sex roles and social structure among the Yanomama Indians of northern Brazil. Columbia, 1972.
- Shirley, Robert Weaver — The end of a tradition: cultural change and development in the município of Cunha, São Paulo, Brazil. Columbia, 1967. 331 págs.
- Silverwood-Cope, P. — A contribution to the ethnography of the Colombian Maku. Cambridge, 1972.
- Siskind, Janet Louise — Reluctant hunters. Columbia, 1968. 138 págs. (Baseado nesta tese, foi publicado pela Oxford University Press, em 1973, o livro intitulado *To hunt in the morning*, a etnografia dos Xaranáwa, grupo páno do alto rio Purus em território peruano).
- Sorensen, Arthur Peter — The phonology of Tukano. Columbia, 1965. 153 págs.
- Sorensen, Arthur Peter — The morphology of Tukano. Columbia, 1969. 328 págs.
- Stauffer, David Hall — The origin and establishment of Brazil's Indian Service: 1889-1910. Texas, 1956.
- Staley, Austin John — Racial democracy in marriage: a sociological analysis of Negro-white intermarriage in Brazilian culture. Pittsburgh, 1959.
- Stout, Mary Helen — The Indian, the Negro, and the Jew in the sermons of Antonio Vieira. Texas, 1965. 149 págs.
- Sweet, David Graham — The population of the Upper Amazon valley: 17th and 18th centuries. Wisconsin, 1969. 187 págs.
- Taylor, Kenneth I. — Sanumá (Yanoama) food prohibitions: the multiple classification of society and fauna. Wisconsin, 1972.
- Themo, Elaine M. — The Wilson's correlates of scale: cross-cultural analysis and evaluation in three South American societies. North Carolina, 1962. 61 págs. (As três sociedades são a Sirião, a Aymára e a Kamayurá).
- Tiedke, Kenneth E. — The cultural subareas of Amazonia. Wisconsin, 1939. 145 págs.
- Turner, Joan Bamberger — Environment and cultural classification: a study of the northern Kayapó. Harvard, 1967. 249 págs.
- Turner, Terance Sheldon — Social structure and political organization among the northern Kayapó. Harvard, 1965. 581 págs.
- Vallejo, Bernardo — The Ayoré, their cultural and linguistic identity. Texas, 1968. 120 págs.

Vogt, John Leonard — Portuguese exploration in Brazil and the feitoria system, 1500-1530: the first economic cycle of Brazilian history. Virginia, 1967. 216 págs.

Yasuda, Norikazu — The genetical structure of northeastern Brazil. Hawaii, 1966.

Thekla Hartmann

Museu Paulista, Universidade de São Paulo

ATIVIDADES DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ETNOLÓGICA DO MUSEU DO INDIO.

A criação do Centro de Documentação Etnológica do Museu do Índio (Rio de Janeiro), cuja implantação foi aprovada em 9 de junho de 1976 pelo Conselho Indigenista da FUNAI, tem como fundamento a necessidade de ampliar, sistematizar e objetivar o conhecimento da realidade indígena do país por intermédio da preservação e utilização dos elementos historiográficos existentes sobre o assunto.

Pode-se afirmar que a perda, destruição e alienação ilegal de material informativo sobre as sociedades tribais brasileiras tem sido uma constante. A título de ilustração, é possível enumerar o desaparecimento, na última década, dos seguintes arquivos:

a) documentação escrita:

- arquivo do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que continha mapas, manuscritos, documentos jurídicos, relatórios, etc, salvando-se apenas o material que se encontrava sob responsabilidade do Museu do Índio (Rio de Janeiro).
- arquivos do Ministério da Agricultura, que reunia documentação relevante sobre diferentes grupos tribais, desde a criação do órgão em 1860. Com a transferência para Brasília, a maior parte deste acervo se perdeu.
- parte da biblioteca particular do Gal. Rondon e do acervo etnográfico e da filmoteca do Museu do Índio, devido ao longo período de abandono a que esta instituição foi relegada nos anos que precederam à extinção do SPI, em 1969.
- perda integral da documentação original sobre tribos localizadas no Estado do Maranhão, ocorrida recentemente (1975), assim como da documentação existente na sede da Delegacia Regional da FUNAI localizada na cidade de São Luís.

b) documentação visual:

- perda integral do arquivo fílmico do Ministério da Agricultura, como também do Ministério da Guerra.
- destruição, ocasionada por um incêndio nas instalações do SPI em 1967, de várias películas, dentre elas as que constituíram a série "Comissão Rondon". Estes filmes, que retratavam a fase pioneira do órgão protetionista, eram os únicos testemunhos sobre inúmeras tribos desaparecidas no início deste século. Em período anterior, filmes de grande interesse histórico foram deliberadamente alienados por serem considerados (por não-especialistas no assunto) "imprestáveis", sem que nenhum trabalho de recuperação fosse tentado.

O centro está organizado em três setores: o de documentação escrita, o de documentação visual (filmoteca e arquivo fotográfico) e um setor de documentação sonora (sonoteca).

Visando dinamizar suas atividades, foi definido em 1976 um programa de atividades obedecendo a um critério de urgência, programa este que recebeu maior impulso no decorrer do ano de 1977, com o estabelecimento de convênios com diferentes instituições tradicionalmente voltadas para a pesquisa e divulgação cultural.

Com relação ao setor de documentação escrita, a preocupação inicial foi reunir toda a documentação oficial que resta sobre comunidades indígenas e que se encontrava dispersa pelas unidades do órgão protecionista (FUNAI). O resultado do trabalho de coleta foi a aglutinação de 40 (quarenta) toneladas de documentos de grande interesse científico e histórico. Para dar prosseguimento ao trabalho, foi firmado convênio com o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), o que tornou possível manipular pelo menos o material correspondente a três Inspetorias Regionais (Sul de Mato Grosso, Amazonas e Maranhão) tendo sido feito o planilhamento, indexação e micro filmagem da documentação etnológica e indigenista encontrada nessas unidades. Nas duas primeiras fases a participação de estagiários financiados pelo MUDES (Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social), pela FUNAI e pelo próprio CNRC foi de fundamental importância.

O mesmo tipo de preocupação tem norteado as atividades do setor visual, ou seja, reconhecer, reunir e recuperar o material fílmico de caráter etnológico, sendo dada ênfase especial à tarefa de recuperação do acervo pertencente ao Museu do Índio. Deve-se observar que em períodos anteriores foram feitas tentativas similares de organização de um setor especializado, que não só divulgasse, mas realizasse filmes: em 1940 por Rondon (Serviço de Documentação) e dez anos depois por Darcy Ribeiro (Serviço Etnográfico). Essas iniciativas no entanto, não conseguiram sobreviver por longo período, nem criar condições institucionais de funcionamento. O esforço atual tem sido exatamente o de definir uma estrutura mínima, que dê operacionalidade ao setor, fazendo com que cumpra sua função científico-cultural ao orientar o registro fílmico¹ e a de divulgar informações sobre o universo tribal.

Com este propósito foram definidas metas consideradas prioritárias:

- 1º) Recuperação da documentação existente no Museu do Índio, não só fílmica mas também fotográfica, pois o arquivo atual é de 62 mil negativos, sendo dois mil em placas de vidro.
- 2º) Localização de acervos fílmicos oficiais e particulares existentes no Brasil e no exterior.

1) Esta orientação tem consistido em assessoramento antropológico à produção de filmes documentários e de ficção, através de consultas diretas, ou como parte da tramitação dos processos de autorização para filmagens, uma vez que pela portaria nº 448/N de 12/09/77 todos os processos referentes à realização de filmes etnográficos de temática indígena recebem parecer do Setor de Documentação Visual.

A situação atual do acervo fílmico do Museu do Índio é precária, pois, embora disponha de um grande número de películas, a maior parte dos documentários sobre a atuação do SPI se encontra em condições físicas que impedem a sua exibição, estando condenados ao desaparecimento a curto prazo caso não recebam tratamento adequado. Ainda que do ponto de vista dos requisitos exigidos de um registro científico não resistam a uma análise crítica, comprometidos pelo caráter propagandístico que apresentam, há necessidade urgente de recuperá-los. É necessário preservar esta documentação histórico-etnológica, pois contém o testemunho da ação oficial durante um largo período, assim como preciosas informações sobre comunidades humanas hoje extintas.

Tendo em vista a execução do primeiro objetivo, ou seja, a recuperação do material fílmico, estabeleceu-se convênio com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna (Rio de Janeiro), que possui os requisitos para desenvolver este tipo de trabalho. pessoal tecnicamente especializado e condições de manutenção das películas. Os filmes depois de transferidos para a Cinemateca receberam uma primeira classificação; em futuro próximo irão sofrer análise de conteúdo, adiada em virtude da precariedade do estado físico do material que impedia sua exibição.

Receberão, conforme o caso, textos explicativos adicionais para sua melhor compreensão, uma vez que em alguns deles foi possível recuperar a banda sonora, restando apenas a imagem.

O recebimento de verba dotada pela FUNAI possibilitou a contratipagem e cópia de parte do acervo, retornando o material recuperado para o Museu do Índio, onde foi instalado um pequeno depósito com condições apropriadas.

A localização e aglutinação da documentação fílmica sobre grupos indígenas brasileiros pertencente a instituições e a particulares constitui também preocupação do setor. Através de levantamento sobre o registro realizado em diferentes períodos, especialmente 1920-1930 e 1940-1960, descobriu-se a existência de acervos particulares contendo material de grande interesse, assim como se localizaram instituições estrangeiras que estão de posse de inúmeras películas enfocando áreas indígenas, notadamente na Alemanha e Estados Unidos. Como exemplo concreto pode ser citada a Cinemateca de Göttingen, que possui 96 filmes sobre sociedades indígenas brasileiras, dentre estes 21 documentários sobre o grupo Krahó, 14 sobre os índios Waurá, 5 sobre Suyá, enquanto a FUNAI não dispõe de nenhum filme sobre esta comunidade.

Com o propósito delimitar a alienação de filmes etnográficos foi tomada recentemente, pela Presidência do órgão, medida que visa efetivar o cumprimento do compromisso entre a FUNAI e pesquisadores que realizam cobertura visual em área indígena. O exame da listagem dos trabalhos de antropólogos, jornalistas, fotógrafos e cinematografistas nos últimos 6 anos demonstrou que dentre dezenas apenas 4 instituições enviaram material para o órgão. Em decorrência deverá ser iniciada a cobrança dos faltosos, diretamente ou por intermédio das embaixadas, no caso das instituições estrangeiras.

O trabalho de localização e aglutinação de registros fílmicos será sistematizado e auxiliado pelo acordo existente entre o Museu do Índio e a UNESCO, uma vez que é responsável junto a esta instituição pela feitura do 3º Catálogo do filme etnográfico (os anteriores foram sobre o Pacífico e África), que incluirá levantamento, análise técnica e de conteúdo das películas sobre sociedades indígenas de toda a América do Sul e o Circuncaribe. O projeto foi encaminhado diretamente à Seção de políticas culturais da UNESCO em agosto de 1976, prevendo-se o início dos trabalhos para o segundo semestre de 1978.

A partir das iniciativas enumeradas e com o auxílio de instrumentos legais, pretende-se colocar em funcionamento, logo que possível, uma filmoteca especializada, cuja organização está prevista desde 1972, quando foi realizado em Brasília o VII Congresso Indigenista Interamericano. O trabalho que a Filmoteca poderá desenvolver, de esclarecimento da opinião pública e ampliação do diálogo acadêmico, por si só justifica sua existência. A importância científica e cultural deste empreendimento pode ser medida através de uma primeira experiência quando foi organizado em 1975 no Rio de Janeiro, com o material disponível na época, uma Mostra do Filme Etnográfico, acompanhada de debates e palestras, com grande participação de especialistas, estudantes e do público em geral.

Atualmente a Filmoteca do Museu do Índio (RJ) dispõe de 30 documentários sobre diferentes grupos tribais (Kayapó, Canelas, Umutina, Urubu-Kaapor, Kuikuru, Pankaruru, dentre outros em condições de exibição), e 60 latas de filmes (remanescentes do arquivo fílmico do SPI), ainda não reconhecidos e classificados. O trabalho de recuperação e contratipagem dos filmes possui como saldo positivo 9 filmes já recuperados (Epopéia da Comissão Rondon, Entre os Índios do Sul, Os Umutina, Missão São Gabriel, Índios Cadieus, Posto Indígena Rio das Cobras, Os Kuikuru, Um Posto Indígena IR 7, Diversos), estando em processamento mais 8 latas de filmes.

Como complementação de suas atividades o setor de documentação visual do Museu do Índio deu início a um programa de realizações de novos documentários fílmicos. Tal programa deverá obedecer a propósitos bem definidos:

- 1º) Submeter o registro a padrões de coleta previamente estabelecidos, uma vez que os filmes são encarados como instrumento de pesquisa antropológica. Sua realização pressupõe tanto orientação científica propriamente dita, quanto controle eficiente da informação, o que requer a elaboração dos meios de utilização do instrumento de registro que é empregado (o uso da câmera cinematográfica, do som direto e a série de problemas daí decorrentes).
- 2º) Deverá ser obedecido critério de urgência na escolha do objeto de reflexão, pois o que tem caracterizado o documentário indígena até o momento é a opção por grupos tribais cujo "habitat" apresenta acesso relativamente fácil e que, simultaneamente, se encontram num estágio de aculturação em que mantêm hábitos de vida tradicional: nudez, ou pelo menos semi-nudez, pintura corporal, deformações faciais, uso do arco e flecha, adornos plumários, etc. A área que tem sido privilegiada nesse sentido é o Parque Nacional do Xingu, cenário de vários documentários do gênero e que foi transformado

no cartão de visitas da situação indígena brasileira. Existem, no entanto, inúmeros grupos étnicos que deveriam ser objeto de registro. Ainda que acomodados à situação de contacto permanente com a sociedade nacional, e tendo perdido as expressões mais evidentes da vida tribal, mantêm sua identidade. Em outro extremo, temos grupos onde o processo acelerado de descaracterização cultural acompanha o desaparecimento biológico, tornando premente a necessidade de documentá-los.

Com o intuito de obter recursos para a efetivação deste programa foi definido convênio também com a EMBRAFILME (Empresa Brasileira de Filmes), empresa governamental responsável em grande parte pela indústria cinematográfica brasileira enquanto agente de financiamento e distribuição e com o *National Anthropological Film Center (Smithsonian Institution)*, com a finalidade de feitura de uma série de filmes documentários, com duração média de uma hora em áreas indígenas consideradas cruciais em termos da problemática histórica vivida pelos grupos.

O primeiro documentário da série foi realizado em fevereiro de 1977, no P. I. Pankararú em Brejo dos Padres, município de Tacaratu (PE), sendo ilustrativo do processo de incorporação à sociedade regional de um grupo indígena em adiantada fase de aculturação. Os Pankararú estão em contacto há cerca de 200 anos com a população regional, tendo perdido a língua e o "modus vivendi" tribal. A manifestação ainda viva da cultura tradicional é a festa do imbu, realizada durante a safra deste fruto e cujos participantes são exclusivamente indígenas. O objetivo do filme foi não só documentar a festa, mas caracterizar a situação atual do grupo, inserido no mercado de trabalho regional.

Com a mudança de sede, efetivada em 1978, o Museu do Índio recebeu novas instalações, o que contribuirá para a ampliação das atividades do Centro, especialmente do setor de documentação sonora, que tem limitado seu trabalho à recuperação de aparelhos de gravação e transcrição de fitas. Pode-se prever a dinamização da sonoteca em vista do maior intercâmbio com a FUNARTE e com o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Cláudia Menezes
Antropóloga do Museu do Índio

*

